

INTERTEXTUALIDADE ENTRE A BÍBLIA E *TEARS IN HEAVEN* DE ERIC CLAPTON

Carlos R. Caldas Filho¹

RESUMO:

A partir da perspectiva apontada pelo crítico literário Northrop Frye, que apresenta a Bíblia como o “grande código” da civilização e cultura ocidentais, e trabalhando com a ferramenta teórica da intertextualidade, de Julia Kristeva, a presente comunicação visa apresentar elementos de uma leitura intertextual entre o texto bíblico e a letra da canção *Tears in Heaven* (“Lágrimas no Paraíso”), do poeta, instrumentista e intérprete de *blues* Eric Clapton, da Inglaterra. Percebem-se no texto da referida poesia pontos de contato com diversas passagens bíblicas. A partir daí verifica-se como o texto bíblico funciona como *background* (“pano de fundo”) da poesia *Tears in Heaven*.

PALAVRAS-CHAVE:

Crítica literária – intertextualidade – Eric Clapton – Bíblia – escatologia individual

Introdução – fundamentação teórica

O *ponto* do trabalho que ora se apresenta é apresentar, na perspectiva da intertextualidade (textual e temática) elementos religiosos na letra da música *Tears in Heaven*, de Eric Clapton. Tais elementos religiosos são de fundo cristão, e o texto que serve de *background* (“pano de fundo”) para a referida poesia é a Bíblia.

Logo, necessário se faz comentar, posto que em síntese, o que se quer dizer por *intertextualidade*. Por intertextualidade se entende a superposição de um texto sobre outro, a influência que um texto exerce sobre outro. Quando acontece intertextualidade um texto funciona como ponto de partida para outro. O segundo texto em casos assim se torna uma espécie de atualização do primeiro. Exemplo claro e explícito é a bela poesia *O operário em construção*, de Vinícius de Moraes, que tem evidente intertextualidade com a narrativa evangélica do relato de tentação de Jesus no deserto, conforme Lucas 4:1-13. A noção de intertextualidade se tornou popular a partir da divulgação dos trabalhos de Julia Kristeva (1941), filósofa, psicanalista e crítica literária nascida na Bulgária, mas desde os anos de 1960 radicada na França². Kristeva, juntamente com intelectuais como Roland Barthes, Tzvetan Todorov (este também búlgaro radicado na França), Claude Lévi-Strauss, Julien Greimas, Louis Pierre Althusser, Michel Foucault e outros, tem trabalhando na perspectiva do estruturalismo. Sem embargo desta afirmação, há que se reconhecer contudo que é mais apropriado considerar as contribuições de teóricos como Kristeva e Foucault como pós-estruturalismo. Desde que o termo (intertextualidade) foi pela primeira vez apresentado (em 1966) tem se tornado bastante popular. O objetivo da presente apresentação não é dar uma história do conceito. Não obstante, deve-se mencionar que Kristeva recebe influência do conceito de *dialogismo* trabalhando pelo lingüista russo Mikhail Bakhtin (1895-1975)³. A idéia básica do dialogismo é que um texto jamais é construído sozinho. Antes, cada texto está correlacionado com outros discursos. Em outras palavras: cada texto “conversa” ou “dialoga” com

¹ Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Leciona na Escola Superior de Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo, onde coordena Grupo de Pesquisa sobre “Expressões do sagrado na literatura”. Coordena o GT “Religião e arte” da ABHR. ccaldas@mackenzie.com.br.

² A obra de Kristeva é extensa e compreende variada gama de assuntos. Dentre seus textos é possível destacar *Psicanálise e cinema* (1975), *Langage, une initiation a la linguistique* (1981), *História da linguagem* (2003).

³ O texto clássico de Bakhtin é *Dialogismo, polifonia, intertextualidade* (1999).

outros textos. Esta noção sem dúvida ajuda a compreender o conceito de intertextualidade, efetivamente a ferramenta teórica que se utilizará para analisar os elementos religiosos encontrados na referida poesia de Eric Clapton.

Tears in Heaven

Para tanto, é preciso antes de prosseguir apresentar o poeta cuja poesia é o objeto de estudo do presente texto. Eric Patrick Clapton nasceu na Inglaterra em 1945. Considerado um dos melhores guitarristas do mundo⁴, sua discografia é por demais extensa. Seu estilo não é exatamente *pop*, mas *blues* – talvez uma opção um tanto incomum para um britânico. A poesia de Clapton que especificamente será analisada é, como explicitado no título desta apresentação, *Tears in Heaven*, que aqui é transcrita:

Tears in Heaven

Would you know my name if I saw you in Heaven?
 Would it be the same if I saw you in Heaven?
 I must be strong and carry on,
 'Cause I know I don't belong here in Heaven.

Would you hold my hand if I saw you in Heaven?
 Would you help me stand if I saw you in Heaven?
 I'll find my way through night and day,
 'Cause I know I just can't stay here in Heaven.

Time can bring you down; time can bend your knees.
 Time can break your heart, have you begging please,
 begging please.

Beyond the door there's peace I'm sure,
 And I know there'll be no more tears in Heaven⁵.

Uma tradução da poesia, feita pelo autor deste texto, será apresentada a seguir. Observe-se que a tradução não se prenderá ao aspecto meramente literal, sendo em alguns momentos interpretativa, respeitando todavia o espírito do sentido do texto original. A opção por uma eventual tradução interpretativa é justificada pela busca de maior comunicabilidade que se pretende alcançar – uma tradução simplesmente literal, ainda mais em poesia, talvez não consiga alcançar algumas nuances de sentido que muito provavelmente se perdem em traduções meramente literais. Isto posto, pode-se passar para a proposta de tradução:

Lágrimas no Paraíso

Você iria saber meu nome se eu o visse no Paraíso?
 Seria o mesmo se eu o visse no Paraíso?
 Eu devo ser forte e prosseguir
 Porque eu sei que eu não pertencço [ainda] ao Paraíso.
 Você pegaria minha mão se eu o encontrasse no Paraíso?
 Você me ajudaria a permanecer de pé se eu o visse no Paraíso?
 Eu vou encontrar meu caminho

⁴ Seus fãs têm-lhe dado apelidos sugestivos, como *Slow Hand* (algo como “mão leve”, evidentemente não no sentido usado no Brasil, de ladrão furtivo, mas devido à suavidade e destreza com que maneja seu instrumento) e “deus da guitarra”.

⁵ Extraído de <http://vagalume.uol.com.br/eric-clapton/tears-in-heaven.html> [capturado em 28/03/07].

Noite e dia

Porque eu sei que simplesmente não posso ficar aqui no Paraíso.

O tempo pode te derrubar; o tempo pode dobrar seus joelhos.

O tempo pode partir seu coração, [o tempo pode] ter você pedindo [implorando] por favor,

Pedindo [implorando] por favor

Além da porta há paz, tenho certeza.

E eu sei que não haverá [nunca] mais lágrimas no Paraíso.

O contexto da confecção da poesia

A história da criação de *Tears in Heaven* tornou-se bastante conhecida, e é triste por demais. A canção pertence ao gênero *balada*⁶ e, por motivos mais que óbvios, expressa grande sinceridade, pois é a expressão daquela que é decerto uma das mais intensas e profundas dores que qualquer pessoa pode experimentar, a saber, a morte de um filho. Em 1991 Eric Clapton perdeu seu filho Conor de maneira absolutamente trágica. À época, o menino tinha apenas quatro anos de idade. O menino caiu do quinquagésimo - terceiro andar do edifício de sua mãe em Nova Iorque. Sua queda terminou no telhado de um prédio adjacente, de quatro andares. Conor era fruto de uma relação extraconjugal de Eric com Lori Del Santo, uma atriz italiana. Eric Clapton ficou por quase um ano depois do acidente sem se apresentar. A produção poética foi a maneira encontrada pelo artista para lidar com a dor de uma perda tão terrível⁷. Sua poesia desta fase é reflexiva e intimista. Co mo a história tornou-se bastante conhecida, a música imediatamente caiu no agrado popular. Em 1993 a canção deu a Clapton o Grammy nas seguintes categorias: “Melhor interpretação *pop* masculina” (Best Pop Vocal Performance (Male Category)); “Canção do ano” (Song of the Year) e “Gravação do ano (Record of the Year).

Intertextualidade em *Tears in Heaven*

Após esta breve contextualização do momento histórico da composição da poesia, é possível caminhar para a exploração dos momentos da intertextualidade, temática e textual propriamente. Percebe-se que o texto com o qual a poesia dialoga e que reflete é a *Bíblia*⁸. A partir da primeira sentença – *Would you know my name if I saw you in Heaven?* (“Você saberia meu nome se eu encontrasse no Paraíso?”) – o poeta expressa uma pergunta que só faz sentido à luz da escatologia bíblica. Por oportuno, esclareça-se que escatologia é o capítulo da teologia que, a partir de dados extraídos do texto bíblico, estuda a esperança cristã quanto ao “fim”. Manuais tradicionais de teologia sistemática subdividem o estudo da escatologia em escatologia geral – o futuro do cosmos – e escatologia individual – o futuro do indivíduo após a morte⁹. A pergunta pelo nome levanta a questão da identidade. O livro do Apocalipse na Bíblia apresenta o Cristo ressurreto e glorificado enviando mensagens às assim chamadas “sete igrejas da Ásia”. Uma delas, a de Pérgamo, apresenta a promessa “ao vencedor” (expressão padrão que se repete nas sete mensagens) de receber “um nome novo” (2.17). Parece que Clapton conhece o texto do Apocalipse que fala sobre “novo nome”.

⁶ A palavra “balada” é usada aqui evidentemente em seu sentido técnico musical de canção sentimental em ritmo lento acompanhada de instrumentos como guitarra ou teclado.

⁷ Além de *Tears in Heaven*, Clapton compôs também *The Circus Left Town*, lembrando que na noite anterior ao acidente, ele e seu filho Conor foram assistir a um espetáculo de circo.

⁸ Todas as citações bíblicas são extraídas da Versão Revista e Atualizada no Brasil (Segunda Edição) da Sociedade Bíblica do Brasil.

⁹ Renold Blank, teólogo suíço radicado no Brasil, especialista no tema da escatologia, prefere falar em “escatologia da pessoa” e “escatologia do mundo” que em “escatologia individual” e “escatologia geral”. Para tanto, consultar, Blank (2003).

A pergunta seguinte (“Seria o mesmo se eu o visse no Paraíso?”) sugere a noção, ou pelo menos, a suspeita de haver algum tipo de ruptura ou descontinuidade entre a vida atual e a vida futura. Seria o mesmo? Será o mesmo? A Bíblia não apresenta muitos detalhes a respeito. Todavia, é praticamente consenso entre os estudiosos bíblicos que a vida futura apresentará, a um só tempo, elementos de continuidade e de descontinuidade entre a vida presente e a vida futura.

“Eu devo ser forte e prosseguir”, diz o poeta na seqüência. Uma confissão autêntica, sincera e sentida, de quem sente a terrível dor da ausência de um filho que se vai de maneira tão brutal e que certamente poderia ter sido evitada. A confissão de Clapton faz lembrar o rei Davi, personagem bíblico que também passou pela angústia de perder um filho pequenino (curiosamente, também um filho tido fora do casamento). Conforme o relato bíblico, quando Davi é informado da morte do filho (que adoecera),

Viu porém Davi que seus servos cochichavam uns com os outros e entendeu que a criança era morta, pelo que disse aos seus servos: É morta a criança? Eles responderam: Morreu. Então Davi se levantou da terra; lavou-se, ungiu-se, mudou de vestes, entrou na Casa do SENHOR e adorou; depois veio para sua casa e pediu pão; puseram-no diante dele, e ele comeu. Disseram-lhe seus servos: Que é isto que fizeste? Pela criança viva jejuaste e choraste; porém depois que ela morreu, te levantaste e comeste pão. Respondeu ele: vivendo ainda a criança, jejuei e chorei, porque dizia: Quem sabe se o SENHOR se compadecerá de mim, e continuará viva a criança? Porém agora que é morta, por que jejuaria eu? Poderei eu fazê-la voltar? Eu irei a ela, porem ela não voltará para mim¹⁰.

Davi e Eric Clapton tinham muita coisa em comum: ambos eram músicos, instrumentistas e poetas, e ambos passaram pela indescritível dor de perder um filho. Davi expressa sua confiança em que chegará finalmente o dia em que, do outro lado da vida, se encontrará novamente com seu filho. Parece que Eric Clapton demonstra a mesma confiança. Enquanto este dia não chega, ele diz, deve encontrar seu caminho, noite e dia. O tempo passa, e a dor continua (“O tempo pode te derrubar; o tempo pode dobrar seus joelhos. O tempo pode partir seu coração, [o tempo pode] ter você pedindo [implorando] por favor”). Clapton é realista, e não alimenta a perspectiva popular algo ingênua que afirma ser o tempo “o melhor remédio”. Não obstante, afirma: “E eu sei que não haverá [nunca] mais lágrimas no Paraíso”. Há nítida intertextualidade com várias passagens bíblicas que afirmam que, dentre os elementos de descontinuidade entre a vida presente e a vida futura, estão as lágrimas derramadas¹¹. Vejam-se alguns exemplos:

Tragará a morte para sempre, e, assim, enxugará o SENHOR Deus as lágrimas de todos os rostos, e tirará de toda a terra o opróbrio do seu povo, porque o SENHOR falou (Isaías 25.8).

E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima (Apocalipse 7.17).

E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras cousas passaram (Apocalipse 21.4).

Não haverá lágrimas no Paraíso. Não haverá lágrimas no “novo céu e nova terra, onde habita a justiça” (cf. 2 Pedro 3.13). A poesia de Eric Clapton dialoga com os textos bíblicos que assim ensinam, estabelece com os mesmos um intertexto e é como que um eco deles.

Conclusão

A intertextualidade é uma possibilidade entre muitas de se fazer análise ou crítica literária. E no que tange à intertextualidade, nada mais natural que seja a Bíblia, que no dizer do crítico

¹⁰ 2 Samuel 12.19-23

¹¹ Esta descontinuidade acontecerá pelo menos no estado de bem-aventurança futura, pois no estado de afastamento e alienação de Deus “haverá choro e ranger de dentes” (cf. Mateus 8.12; 13.42,50, etc).

literário Northrop Frye é “o grande código” da arte e da literatura ocidentais¹², seja referência constante, quase onipresente, no inconsciente e no consciente coletivo, um texto a sempre fazer referência de dialogismo e de intertextualidade. O presente texto apresenta uma demonstração prática desta possibilidade, sem dúvida, perfeitamente aplicável para estudos na interface religião e arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAKHTIN, Mikhail. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BLANK, Renold J. *Escatologia da Pessoa. Vida, morte e ressurreição* (Escatologia I). 4ª edição. São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. *Escatologia do Mundo. O projeto cósmico de Deus* (Escatologia II). São Paulo: Paulus, 2003
- FRYE, Northrop. *O código dos códigos. A Bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004
- KRISTEVA, Julia, et alii. *Psicanálise e cinema*. São Paulo: Global, 1975.
- _____. *Langage, une initiation à la linguistique*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.
- _____. *História da Linguagem*. Lisboa: Edições 70, 2003.

¹² Frye, *O código dos códigos. A Bíblia e a literatura* (2004).